

A BATALHA



DEP. LEG.

Director interino: JOAQUIM DE SOUSA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
Assinaturas: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, 9\$50; Província, 3 meses 28\$50; África Portuguesa, 6 meses 66\$00; Estrangeiro, 6 meses 102\$00
PAGAMENTO ADIANTADO

Conjuguemos os esforços para produzir obra útil

Alguns camaradas por vivem na província, longe do meio onde certos factos se produzem e, portanto, sujeitos a erradas interpretações, vêm manifestando receios de que a Central Operária, devido à intervenção das Federações, caia desamparada nas mãos de determinada corrente política, o que implicaria um desvio lamentável da orientação doutrinal da C. G. T.

Estes receios não os temos nós, já porque somos coerentes com as doutrinas afirmadas nos congressos de Coimbra, Covilhã e Santarém, já porque esse partido político, absolutamente impotente para vencer a sua própria crise, não tem forças nem elementos para intentar uma acção de tanto vulto.

Estamos plenamente descansados no que respeita à orientação da C. G. T. Os nossos camaradas da província não temiam tampouco qualquer desvio de directriz na Organização Operária.

Os organismos a quem compete neste momento nomear, no mais curto prazo, os novos delegados ao Conselho Confederal não mudaram de um momento para o outro. Conservam a sua antiga feição sindicalista revolucionária. Portanto, os seus futuros delegados, para bem cumprirem a sua missão, terão de interpretar com fidelidade as doutrinas dos organismos que representam.

Seria mais útil que esses camaradas, em vez de se preocuparem tanto com alarmes que nada justificam, nos auxiliassem a estabelecer entre nós, sindicalistas, aquele benéfico ambiente de concórdia, dentro do qual seja possível um trabalho de reconstrução que urge realizar.

Não receemos, neste momento, os comunistas, receemos antes que o desalento se apossasse das classes trabalhadoras que nesta ocasião mais do que nunca necessitam de ânimo, energia e perseverança para vencer a crise de trabalho que vêm suportando.

Exortamos os nossos camaradas sinceros a abandonar discussões estérteis. Urge que cada um de nós lance mãos à grande obra de reorganização que temos de realizar.

Precisamos de conjugar esforços para vencer a grande crise de trabalho que hoje preocupa o operariado.

Uma circular da Comissão Administrativa da C. G. T. a todos os organismos aderentes que têm representação no Conselho

A comissão administrativa da C. G. T. endereçou uma circular às Federações de Indústria, Câmaras Sindicais de Trabalho, Unions de Sindicatos e Sindicatos Isolados que passaram a reproduzir para conhecimento de todos os organismos aderentes.

«Presados camaradas: Em reunião do Conselho Confederal de 24 do corrente foram aprovados por unanimidade os pontos de vista da reunião de Federações.

Um desses pontos diz respeito à nomeação de novos delegados ao Conselho Confederal por parte dos organismos com representação na C. G. T. E' essa uma das resoluções que tem um significado altamente moralizador e tendente a evitar a repetição de factos como os que se manifestaram no seio da C. G. T. Julgando cada uma das partes desviadas, com os seus actos e palavras, defender os princípios e objectivos da organização operária, iam impensadamente abrindo um abismo insuperável entre os trabalhadores, que, alheios ao conflito, começavam a formar grupos, desconhecendo o valor de debate e os motivos que lhe deram origem.

O mal deve ser cortado pela raiz? Atalhe-mos então rapidamente a ferida para que não contamine o lado sã. Se lhe conhecemos os sintomas, porque esperamos? Preparemo-nos cuidadosamente no intuito de evitar que o mal se manifeste novamente. Nisso está a cura sem grandes preocupações nem esforço de maior.

Não pretendemos com estas considerações atingir ninguém. Se houve erros de visão, malentendidos ou má fé nos indivíduos em questão, eles serão responsáveis perante a organização operária dos seus actos. Estamos convencidos que a verdade muito em breve será esclarecida fazendo-se justiça a quem a merecer.

Camaradas: Dum dever nos incumbiu o Conselho Confederal cessante, depois de amainada a tempestade que durante algum tempo o assolou; foi o encargo de constituir um novo Conselho. Vamos iniciar a nossa árdua missão com a consciência tranquila de que seremos atendidos por esse organismo.

Para desviar quaisquer más interpretações que possam advir, entendemos que os camaradas devem nomear, o mais breve possível, de entre os vossos componentes, dois delegados ao futuro Conselho Confederal; mas, tendo em atenção a necessidade dum trabalho profícuo e de comum entendimento, nenhum dos anteriores delegados que tenha tomado partido por qualquer dos contendores da grave questão que se debateu no an-

A CRISE NO ALGARVE

A população da vasta província continua a braços com a miséria que "A Batalha" denunciou há mais de quatro meses

Entretanto os galeões espanhóis prosseguem sua obra de extermínio do peixe em toda a costa

Volto a prender as atenções da imprensa o gravíssimo problema da crise no Algarve. E porque se conservaram silenciosos nos últimos meses os jornais do país? Porque os galeões espanhóis não voltaram a acção na costa portuguesa, não levando para Espanha o que de melhor se pesca nas águas jurisdicionais portuguesas.

Dizia-nos um amigo há dias que a acção das *parellhas* espanholas nas águas portuguesas ainda era benéfica às populações do litoral algarvio. Essa acção é benéfica, explicava-nos esse amigo, porque só devido a ela a imprensa se lembra que no Algarve há fome, que naquela vasta província há centenas de famílias que vivem há cerca de dois anos na mais triste das misérias.

E é verdade. Apenas um jornal, e quando os espanhóis não apouquentavam a costa portuguesa, tratou o problema a sério, com o colorido devido e sem exagero de tintas. Esse jornal foi *A Batalha*. Durante um mês o órgão dos trabalhadores, pela pena do seu enviado especial ao Algarve, numa série de artigos, tratou das causas da crise e das suas consequências. E quais foram as nossas revelações?

Que uma das causas particulares dessa crise é a pesca pelo processo de *parellhas* exercida pelos barcos espanhóis, contra o expresso no Tratado do Comércio com a Espanha, processo já julgado ilícito em 1893.

Esse processo de pesca, como então tivemos ocasião de salientar, é a causa directa da migração de sardinha para águas mais tranquilas e a causa também da destruição da flora submarina tão rica outrora na nossa costa.

Sem pesca como poderiam viver as indústrias derivadas da pesca? Evidentemente que não poderiam existir, ou se existissem teriam que viver ficticiamente. Foi o que sucedeu com a indústria de conservas, muito especialmente.

Sem pesca a indústria conserveira cessou a sua laboração. E os milhares de trabalhadores que viviam dessa indústria foram lançados no *chomage* brutal e violentamente. Hoje não há em todo o Algarve uma centena de trabalhadores conserveiros no exercício da sua profissão.

O comércio também, como é natural, foi seriamente ferido. Poucas são as transacções que se realizam hoje na outrora riquíssima província algarvia. Decresceu a população e com menor capacidade de compra, o comércio arrasta igualmente uma situação crítica.

Aos poderes constituídos já foi pôsto o quadro com as suas tintas reais. Foram apresentadas plataformas atinentes ao debelamento da crise. No lábaro dessas reclamações estava a de uma rigorosa fiscalização em toda a costa portuguesa e a do estabelecimento de severas sanções contra os pescadores espanhóis que pesquem fora da zona acordada em 1912 entre Portugal e Espanha para o emprego das *parellhas*, ou seja além de doze milhas da costa.

Essas reclamações não foram atendidas. E os pescadores espanhóis como a zombarem dessas reclamações ainda há dias foram a Albufeira, com os seus 50 galeões, e levaram dali todo o peixe que quiseram.

De forma que se já era má a situação quando *A Batalha* dela se ocupou, agora assume aspectos trágicos.

No Algarve morre-se de fome. Não há um pequeno recurso para a população se eximir às suas consequências. Se o governo não atender os desejos desses milhares de famélicos contidos numa reclamação que uma sua comissão, a caminho de Lisboa, lhe vem entregar, mal vai a coisa, porque o desespero invadirá os lares desses desgraçados e com o desespero surgirá a revolta.

Providenciarmos enquanto é tempo, ainda é a medida mais inteligente.

QUESTÕES OPERÁRIAS

Um protesto contra a especulação que O MUNDO tem feito em volta dos ferroviários do Sul e Sueste

Em volta dos ferroviários do Sul e Sueste paira neste momento uma atmosfera de desconfiança sobre a atitude que essa classe tomará, no caso do governo efectivar a sua primitiva ideia de arrendar aqueles caminhos de Ferro.

Que saibamos, nem os ferroviários do Sul e Sueste, nem os seus representantes pensam neste momento em quaisquer atitudes de violência, limitando-se uns e outros a envidarem os seus esforços no sentido de o governo não transformar os seus pontos de vista em factos, sem permitir que o pessoal seja ouvido, como é de inteira justiça. O que, porém, se torna ignóbil e pouco sério, é que jornais como *O Mundo* queiram aproveitar-se da atmosfera para fazerem o jogo de correligionários seus, na ingenua suposição de que será possível que o governo reintegre nos lugares que ocuparam no Sul e Sueste, os engenheiros Plínio Silva, Pinto Teixeira e José de Jesus Pires.

E sem um vislumbre de dignidade moral, *O Mundo* aproveita o ambiente e vomita a estafada aria especulante de que só aqueles engenheiros serão capazes de fazer regular os serviços ferroviários no sul do país.

Isto não tem *O Mundo* rubico em afirmar, apesar de saber que, quer tecnicamente ou moralmente, aqueles seus correligionários não demonstrarem nenhuma da competência que o mesmo jornal constantemente lhes atribue.

Não, *O Mundo* especula com uma classe pra acomodar correligionários seus que moralmente se comportaram no Sul e Sueste dum maneira censurável e que tecnicamente nada provaram saber, apesar de quantos reclames lhes fizeram.

O Mundo, procura pescar nas águas turvas, em favor dos seus partidários, acreditando que o momento não pode ser mais

oportuno para levar o governo a capitular, reconduzindo os três engenheiros em questão. Esses homens não podem ali entrar, porque isso seria o cúmulo da falta de vergonha, quando em seu poder tem um significativo protesto de mais de 3500 ferroviários, devidamente assinado e que acompanhava uma mensagem muito significativa, que já publicámos nas nossas colunas. Mesmo que em matéria de competências técnicas de Caminhos de Ferro, o governo tem muito por onde escolher nos engenheiros civis, onde há técnicos de incontestável envergadura e que no Sul e Sueste oscureciam completamente os Plínios, os Pires e os Pintos... do *Mundo*.

Independente de tudo isto, a sindicância não podendo ter a conclusão favorável que *O Mundo* supõe, isso constituirá mais um obstáculo aos desejos políticos daquele jornal.

Os engenheiros militares que foram para as linhas do Sul e Sueste têm encontrado uma resistência e um obstrucionismo singulares, por parte de alguns altos funcionários, amigos pessoais dos engenheiros afastados e é isso que tem levado alguns deles a demitirem-se, como sucedeu ao tenente-coronel Celestino Regala.

Parece até que há entendimentos entre os que fazem o obstrucionismo e os engenheiros a quem esse jogo convém e que são partidários de *O Mundo*.

Será bom que haja ao menos pudor moral por parte de *O Mundo* nesta questão e termine com a especulação que está fazendo.

Os ferroviários do Sul e Sueste constituem uma classe que tem suportado muitas violências, que tem sido perseguida, mas como outras classes, tem dignidade, tem honra própria, que sabe defender energicamente.

PACIFIC

A suspensão do "Correio da Manhã"

Em virtude da empresa do «Correio da Manhã» pretender impor como chefe do seu quadro tipográfico o funcionário publico sr. Alfredo Marques, empregado na Bolsa Agrícola, o referido quadro foi forçado a abandonar o trabalho na noite de anteontem. Por tal motivo a direcção do Sindicato dos Compositores Tipográficos previne a classe tipográfica que nenhum colega deve servir sob as ordens deste senhor, que, a ser guiado novamente a chefe, deve continuar a manter o mesmo critério despojado que em tempos no mesmo jornal manteve.

A censura aos jornais

O presidente do ministério recebe amanhã, pelas 15 horas, a comissão delegada da Assembleia Magna dos Jornalistas de Lisboa e os representantes das colectividades gráficas que lhe vão apresentar as reclamações das classes interessadas na modificação da lei da imprensa no regime da censura prévia.

As 'forças vivas' contra as 8 horas de trabalho

Estamos ainda esperando que o governo defina sobre as 8 horas de trabalho a sua opinião. Habitados a ver os governantes submeterem-se a todos os caprichos, quando não a todas as imposições das *soi-disants* «forças-vivas», não auguramos nada de bom deste longo e ansioso compasso de espera.

Em todo o caso não é bem sobre o governo que, neste momento, incide a nossa atenção. E' sobre as classes trabalhadoras, visto que as 8 horas de trabalho foram conquistadas pela sua energia e pela sua tenacidade e o decreto pouco mais foi do que a consagração oficial de uma regalia que já tinha sido conquistada. E é delas, principalmente delas, que depende a vida ou a morte dum das principais regalias operárias.

As «forças-vivas» não têm a menor autoridade moral para reclamarem a anulação dum lei, desde que se recusaram a acatá-la. E devemos acrescentar que em muitos pontos do país as autoridades têm-se prestado a auxiliar os que transgredem as 8 horas, quando era do seu dever proceder contra eles.

Mas essa atitude, tanto das «forças-vivas» como da maioria das autoridades, compreende-se perfeitamente. A lei—é assim que pensam as classes predominantes—fez-se para assegurar os privilégios dos ricos contra os direitos dos explorados. A lei é a opressão dos pobres—e como a das 8 horas incidia na defesa dum regalia que beneficiava os pequenos não se pensou em respeitá-la. Actualmente só usufruem as 8 horas de trabalho aquelas operárias e aquelas classes que souberam implantá-las, conservando-as energeticamente sem recer as arremetidas das classes exploradoras. Os industriais vão, pois, reclamar contra uma lei que eles pisaram a pés, contra uma lei por quem têm nutrido, desde a primeira hora, o mais soberano desprezo.

A revogação das 8 horas de trabalho reclamada pelas «forças vivas» constitui uma habilíssima manobra que, de modo algum, nos podia passar despercebida. Com essa manobra pretendem obrigar o Estado a coagir pela força os operários que souberam conquistar essa regalia a abandoná-la. Pretendem de encadear o governo sobre as classes trabalhadoras e estas sobre aquele.

Mas, é preciso que se saiba que as 8 horas de trabalho encontram na classe trabalhadora a disposição de as defenderem à *outrance*. Não dependem da lei, dependem antes da atitude que elas souberam tomar perante a relutância dos patrões. Pretender arrancar-lhe as 8 horas equivale a feri-la no coração. E estamos certos de que ela saberá empregar para as manter a mesma energia que lhe lançou mão para as implantar.

Saudando uma educadora

O Sindicato Unico Mobiliário de Lisboa aprovou uma saudação à professora D. Vitória Pais pela atitude desassombrosa que assumiu no Congresso Pedagógico, elevando o seu protesto contra o decreto que restabeleceu o ensino religioso nas escolas particulares.

O Sindicato Unico Metalúrgico do Porto também aprovou uma saudação idêntica e o Núcleo das Juventudes Sindicistas do Porto enviou um ofício a D. Vitória Pais cumprimentando-a pela sua atitude.

“O Rebate,”

A Direcção do Sindicato dos Compositores Tipográficos e conjuntamente uma comissão delegada do quadro, tentou avistar-se ontem com o sr. Ministro do Interior para tratar da suspensão do «Rebate», o que não conseguiu, pelo que voltará amanhã a encetar novas diligências no intuito de ser esclarecida a situação do mesmo quadro.

Notas & Comentários

Saudações

Da Associação dos Bombeiros Voluntários de Campo de Ourique (Cruz Branca) recebemos um cativante ofício saudando *A Batalha* e agradecendo o acolhimento que ela lhe tem dispensado.

—Deu-nos o prazer da sua visita a excelente banda da Sociedade Imperial 15 de Janeiro de 1898, de Alcochete, que teve a amabilidade de tocar em frente do nosso edifício algumas peças do seu brilhante repertório.

UMA ENORME GATASTROFE

A cidade da Horta ficou quasi destruída por um abalo sísmico

São por milhares os mortos e os feridos, estando a ser enviados socorros urgentes

A cidade da Horta foi destruída, em grande parte, por um violento abalo sísmico. As vítimas são em grande numero, não se sabendo ainda o total de mortos e feridos. Além disso, bastantes povoações sofreram prejuízos irreparáveis.

A notícia da catástrofe chegou a Lisboa por vias particulares e oficiais, produzindo-se em toda a cidade profunda consternação. Já não é a primeira vez que o arquipélago dos Açores é violentamente sacudido; e o terremoto, agora, foi a catástrofe maior de quantas têm assolado as ilhas.

As estâncias oficiais promoveram logo socorros tão rápidos quanto possível. As primeiras notícias reuniram-se os ministros que se encontravam em Lisboa, surgindo as necessárias providencias, após a reunião.

O cruzador *Adamastor* e o transporte de guerra *Pero de Alemquer* receberam ordem de apressar com toda a urgencia, devendo partir hoje de manhã em direcção ao Faial, e levando toda a especie de socorros às inúmeras vítimas. Foi dada ordem, pelo ministério da guerra, para que siga para a Horta, talvez no *Pero de Alemquer*, uma brigada de saúde do exército, que será constituída por sete médicos, ambulâncias e pessoal de enfermagem.

Também deve seguir uma outra brigada de engenharia que auxiliará os trabalhos que se vão fazer nas ruínas da desventurada cidade.

Para que as providências sejam mais rápidas, o governo fez expedir um *radio* ao cruzador *Carvalho Araújo*, que havia largado da Horta, para que regressasse àquele porto a fim de prestar auxilio. O vapor *San Miguel*, que vinha já com rumo a Lisboa, recebeu ordem radiotelegráfica para imediatamente voltar à ilha do Faial e ali permanecer na prestação de socorros.

As estâncias oficiais telegrafaram ao governador civil da Horta, que preside à comissão oficial de socorros, para que indique, em telegrama urgente, quais os socorros que terão de ser, ainda, enviados para as populações que sofrerem na desoladora catástrofe.

A Cruz Vermelha prepara-se para prestar os seus serviços

A Cruz Vermelha Portuguesa logo que teve conhecimento do desastre sucedido no Faial, foi oferecer os seus serviços ao sr. ministro do Interior pondo à sua disposição o material e pessoal das Delegações dos Açores e da Madeira e dos serviços de que dispõe no Continente.

A mesma Instituição telegrafou para aquelas suas delegações, para que tudo se preparasse e ficasse ao dispor das autoridades do Faial, fazendo ao mesmo tempo um apelo às damas da Cruz Vermelha para socorrerem as vítimas da grande calamidade.

A Cruz Vermelha Portuguesa desde já se põe ao dispor de todas as pessoas que queiram enviar donativos, monetários, de roupas ou de qualquer outra espécie, para os sobreviventes do desastre, podendo os donativos em dinheiro ser entregues na sua tesouraria, na P. do Comércio, esquina da R. da Prata, das 11 às 16 e, os donativos em géneros, na R. Presidente Arraia, n.º 1 às mesmas horas.

CRIMINOSA ATITUDE

Pretende-se a livre exportação do azeite no ano em que a sua produção foi diminuta

Porque aumentam os preços dos generos :- se a libra se conserva estacionária? :-

Há alguns anos que a produção do azeite não é tão diminuta como no corrente. Devido a uma moléstia que atacou as oliveiras a colheita do precioso líquido foi muito inferior à dos últimos anos.

E' tão delicada a situação que o governo, por um decreto que fez ontem publicar, obriga os produtores e detentores do azeite a, no prazo de oito dias, declararem a sua existência para, afirma-se nesse decreto, se garantir o regular abastecimento público deste produto.

Pois exactamente no ano em que a produção do azeite é inferior e que se prevê um ano de fome, é que a Associação Comercial de Lisboa pretende do governo uma autorização para as «forças vivas» poderem livremente exportar todo o azeite nacional. Custa a crer, mas é assim. Quando sobre uma população pesa a ameaça da restrição do consumo de um produto, é que uma entidade teve a pretensão de exportar o pouco que há desse produto.

Não sabemos se os criminosos desejos da Associação Comercial serão atendidos por parte do governo. Todavia é ponto de fé que da parte do sindicato das «forças vivas» se não de mover os cordelinhos para que essa pretensão se converta em realidade.

Para o conseguirem as «forças vivas» dispõem de muitos processos, cada um dos mais engenhosos e complicado. Se não for por uma autorização legal, será por uma maneira subreptícia. Processos não faltam nem intenções.

Haja em vista o que está sucedendo com a venda dos géneros de primeira necessidade. A libra conserva-se na casa de 94\$75 há muito tempo. Todavia os preços dos géneros vão subindo numa progressão assustadora.

Os nossos colaboradores

Empenhados como estamos em levantar tão alto quanto possível a Organização Operária, é com alegria que vamos registando o regresso ao nosso seio de alguns elementos que se tinham afastado desgostosos. Alguns dos nossos colaboradores mais valiosos do suplemento de *A Batalha* que deixaram de colaborar já surgiram no nosso número de anteontem e na próxima semana contamos que alguns daqueles nomes mais estimados do público apareçam também.

Neste ambiente de concórdia agora estabelecido, todos aqueles que por ventura se sentiam melindrados por motivos que nem queremos citar, para pôr uma pedra sobre assuntos desagradáveis, devem sentir-se

Há géneros que aumentaram de preço 50 %. As batatas, o bacalhau, a massa, o arroz hoje custam 10, passando amanhã a vender-se por 20.

E quem autoriza este aumento de preços se de direito existe ainda o tabelamento? Ninguém autorizou, mas resolveram-no as «forças vivas» em sua reunião.

E' o que vai suceder com os azeites. Ou o governo cede aos sinistros desejos desses bandoleiros que nos ameaçam a existência ou eles zombarão das medidas do governo no que respeita à proibição da exportação.

Sim, porque, afinal, quem *todo lo manda* neste país são as «forças vivas» que roubam diariamente. Habitados a fazerem prosperar todos os governos a seus pés, não hesitarão em impor com este ner que para isso tenham que arrostar com as discordâncias dos membros do governo.

Chegámos a este estado de coisas. Uma associação de malfeteiros que se acota numa sinuosa casa da Avenida da Liberdade, todas as vezes que as suas ambições o determinam, arranca-nos a pele como um vilgar bandido nos assalta na via pública e nos arranca a vida e a bolsa.

Não é isto que se está passando com os géneros, incluindo o próprio azeite? E o que fazem os poderes constituídos?

E o que fazem os espolidos? Conservam-se silenciosos à espera que o abutre lhes caia impiedosamente sobre o dorso. Devido a esta modorra os bandidos encorajam-se e não tardará muito que em plena rua nos obriguem a despir o farrapo a que ainda chamamos camisa.

A menos que todos nós nos convençamos de que isto se modificará quando nós quisermos. Até lá, agüentar e cara alegre.

bem. Aqueles nossos camaradas que, dentro da sua esfera de acção, e com tanto brilhantismo, têm prestado relevantes serviços à causa da emancipação humana, não podiam conservar-se muito tempo fora do nosso meio.

Aos nossos antigos colaboradores que regressam ao seu posto, onde sempre se distinguiram como profissionais probos e como idealistas sinceros, apresentamos as nossas cordiais saudações.

Antonio Marcelino

E' muito conveniente a tua passagem pela redacção deste jornal a qualquer hora do dia de hoje.

Lêde o Suplemento de A BATALHA

PELO ESTRANGEIRO

A questão de Tanger

As intenções de Itália vistas na falácia de Mussolini

ROMA, 31.—O sr. Mussolini fez ontem, em conselho de ministros uma longa exposição acerca dos últimos acontecimentos políticos internacionais, referindo-se especialmente à assinatura do tratado de amizade e neutralidade Italo-Espanhol, o que demonstra o desejo da estreita colaboração entre os dois países, de grandes afiliações e interesses comuns.

Referindo-se ao pedido da Espanha de um mandato sobre Tanger, o presidente do conselho declarou que o governo italiano se reserva o direito de intervir na eventual conferência como representante da grande potência do Mediterrâneo. Mussolini nas suas declarações anunciou que a delegação italiana à próxima sessão da assembleia geral da S. D. N. terá a elasticidade necessária para enfrentar as situações imprevistas, embora seja pouco provável que se discuta a nota do protesto da Abissínia contra o tratado Italo-Britânico, acerca das respectivas zonas de influência económica naquele país.

A Inglaterra e a França reprovam a pretensão espanhola

PARIS, 31.—A Inglaterra e a França enviaram à Espanha a sua resposta escrita em termos amigáveis, mas repetindo o projecto duma conferência internacional sobre Tanger. —(H.)

Os ingleses andam irritados

LONDRES, 31.—O sr. Chamberlain ministro dos Negócios Estrangeiros, respondendo a uma interpelação que lhe foi feita ontem na Câmara dos Comuns, declarou que o governo britânico se não encontra disposto a consentir o pedido formulado pela Espanha para a incorporação de Tanger na sua zona de protectorado. —(L.)

O Padre Santo acarinha a Espanha

ROMA, 31.—Segundo se afirma, o Vaticano está usando de toda a sua influência para evitar que a Espanha se retire da S. D. N., o que levantará grandes dificuldades à política da Santa Sé. —(L.)

A fúria agressiva

Uma ameaça deveras terrível...

SOFIA, 31.—O ministro da Justiça reforçou a medida de vigilância na fronteira, a fim de que nenhum grupo ou pessoas armadas possam transpor a fronteira. Os autores de semelhantes infracções serão imediatamente presos e julgados, conforme a lei sobre actos criminosos contra a ordem interior e a segurança de pessoas e bens de Estados estrangeiros. —(H.)

... que contenta um governo de repressão

BUCAREST, 31.—O ministro dos Negócios Estrangeiros conferenciou com os representantes diplomáticos da Grécia e da Sérvia, acerca da resposta da Bulgária à nota de protesto contra os maneios dos Comitadjs nas respectivas fronteiras e que a Roménia considera satisfatória. —(L.)



Do estatuto confederal

CAPÍTULO I

DOS OBJECTIVOS

Artigo 1.º — A Confederação Geral do Trabalho constitui-se com os seguintes objectivos:

- 1.º — O agrupamento, sob a base federativa autónoma, de todos os trabalhadores assalariados no país, para a defesa dos seus interesses económicos, sociais e profissionais, pela elevação constante da sua condição moral, material e física;
- 2.º — Desenvolver, fora de toda a escola política, em doutrina religiosa, a capacidade do operariado organizado para a luta pelo desaparecimento do salarido e do patronato, e posse de todos os meios de produção;
- 3.º — Manter as mais estreitas relações de solidariedade com os Contratos dos outros países, para a ajuda mútua, numa comum inteligência, que conduza os trabalhadores de todo o mundo à sua emancipação integral da tutela opressiva e exploradora do capitalismo.

Colhido por uma saca de milho

No posto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço, recebeu curativo, recolhendo depois à enfermaria de St.º Onofre, do Hospital de S. José, António Paiva da Silva, de 34 anos, natural de Ovar, descarregado, residente na rua de S. Miguel, 60, 2.º, que, no Jardim do Tabaco, foi colhido por uma saca de milho, ficando muito contuso nas costas.

Da janela à rua

A Sala de Observações do Hospital de S. José, recolheu Maria Luísa Pires, de 3 anos, filha de Artur Maria Pires e de Amelia da Silva Pires, residente na rua Garibaldi, 3, 1.º, que caiu da janela da residência à rua, ficando com várias contusões pelo corpo.

Um sapateiro irritado com a sorte

No Banco do Hospital de S. José, foi pesado Augusto Ferreira Barroso, de 32 anos, natural da Covilhã, sapateiro, residente no Paço da Rainha, 76, 2.º, que caiu na Escadaria, ficando ferido num pé. Depois de pensado seguiu sob prisão para a esquadra dos Anjos, por ter havido entre ele e a polícia qualquer conflito.

A obra de um tarado

Da Casa Mortuária do Hospital de São José, é hoje removido para o Instituto de Medicina Legal, a fim de lhe ser feita autópsia judicial, o cadáver de José Ferreira Sereno, aquele indivíduo que, na residência, no Casal do Ouro, (Cartaxo) foi ferido a tiro por seu filho Vitor Sereno, vindo a fazer no dia imediato aquele hospital.

Em auxílio de A BATALHA

Transporte	4.134\$91
Guilherme Francisco Almeida	5\$00
Lhuu (1.ª prestação)	5\$00
Alexandre Assis	12\$00
Gabriel Dias	3\$00
José Borges Caldeira	2\$50
Manuel Luís Mesquita	2\$50
Alberto Luís Mesquita	5\$00
José Maria Ferreira	2\$50
António da Costa	7\$50
Benjamin D. Antunes	5\$00
Um barbeiro	2\$50
José Tavares	2\$00
Manuel Brásio	1\$50
S. C.	20\$00
João Martins Almeida	5\$00
José Augusto Paiva	5\$00
Manuel Gonçalves Torres	2\$50
José da Costa	2\$50
Quete aberta na Carpintaria Mecânica «A Confiança Ld.»	
José da Piedade Diniz Ruivo	5\$00
Manuel Baptista de Oliveira	2\$50
Alberto da Silva	2\$00
José Avelar	2\$50
Eliseu Gomes	2\$50
José Maria Santiago	2\$50
António José de Matos	2\$50
Manuel Figueiredo	2\$00
Galvão	1\$00
José Cordeiro	\$50
Quete aberta em Borba:	
António M. Malavado	5\$00
Jesus Barriga	\$50
João Gato	1\$00
António Nifaro	\$50
Jorge Bravo	\$50
José Barriga	\$50
José Malavado	1\$50
Félix de Matos	1\$00
José A. Paiva	2\$50
António Malavado	1\$00
Francisco Malavado	1\$00
Quete entre rurais no Cano:	
João da Silva Bomzinho	1\$00
Jerônimo Maria Richaro	1\$00
João A. Patrício	1\$00
João Francisco Richaro	2\$50
José Tesquito	1\$00
Claudio M. Richaro	1\$00
Francisco Soldador	\$50
Francisco Mendes Raposo	2\$00
A transportar	4.273\$41

(*) Esta importância por lapso não safu na lista publicada em 26 do corrente duma quete aberta na União Fabril.

1 escudo em prata

Será arrematado por 25\$00 se não vier hoje nova oferta.

Novas ofertas

Temos também para serem vendidos em favor de A Batalha: 1 exemplar da Taberna de Zola e 1 exemplar da Conquista do Pão, de Krapotkine.

A venda na administração de «A Batalha»

Cartilha do homem do povo	\$50
Programa agrícola do Partido Operário Francês, por Paulo Lofrone	\$50
O que é ser socialista?, por Ernesto da Silva e Ladislau Batalha	\$50
Deus, o Diabo e o Homem, por Lourenço da Silva	1\$00
Cartas políticas, por João Chagas, diversos números, cada exemplar	1\$00
A Humanidade, por Taraf Javol	1\$50
O Abortamento, pelo Dr. Confeymon e I. Budin	2\$00
Monarquia Jesuítica, por Melchior Zuchof	2\$00
Os gatos, por Fialho de Almeida, os três primeiros números da 2.ª série	2\$50
O Mitrismo, pelo prof. Almeida Paiva	2\$50
Os Crimes da Sacristia, por Alexandre Barbas	3\$00
A Religião da Humanidade, por José Augusto Correia	3\$50
A Filologia perante a História, por Nobre França	5\$00

TEATRO NACIONAL

HOJE

COMPANHIA

Ilda Stichini-Alexandre Azevedo

A representação da comédia em 3 actos

de Raúl Gerdly e Robert Spitzer,

tradução de Maria de Sotto Mayor

e Carlos Abreu

Se eu quisesse...

Nos primaciais papeis:

Germana—Ilda Stichini, Marcela—

Albertina de Oliveira, Luísa—Maria

Emília, Filipe—Alexandre Azevedo,

Berthier—Raúl de Carvalho, Panon—

Luis Pinto, Rend—Octávio Brandão.

Livros em espanhol

A' venda na administração de A BATALHA

MI Comunismo, Sebastião Faure	10\$00
La Revolución Social em Francia, Miguel Bakunine (2 volumes)	20\$00
Cartas a uma mulher sobre a anarquia, Luiz Fabri	2\$50
La Ukrania revolucionária, Augustin Souchy	1\$50
Anarquismo y organización, Rodolfo Rocker	1\$00
Entre campesinos, E. Malatesta	1\$00
En Ukrania, Rudenko	1\$00
Miguel Bakunine, J. Guillaume	1\$00
Los anarquistas (Estudo e república) Lombroso y Mella	5\$00
Errores Malatesta, Max Nettlan	6\$00
Artistas y Rebeldes, R. Rocker	9\$00
Nicolaï, Romain Rolland	4\$00
Soviet o Dictadura?, Varin	1\$50
El Estado moderno, Kropotkine	5\$00
Dictadura y Revolución, Luiz Fabri	10\$00
Bolshevismo y Anarquismo, Rodolfo Rocker	1\$00
Problemas universitários, Lelio O. Leno	1\$00
La Revolución, José Torralvo	1\$00
Dios y el Estado, M. Bakunine	3\$00
Páginas seletas, Multatuli	3\$00
Ensayos y Conferencias, Pedro Gori	3\$00
Dos años en Russia, E. Goldman	2\$00

UMA INICIATIVA QUE MERECE APOIO

Vai realizar-se um grande festival em favor dos filhos dos presos por questões sociais

Realizar-se há no dia 5 de Setembro próximo um grandioso passeio fluvial ao Porto Brandão, em benefício da criação da Colónia Infantil do S. V. e organizado pela comissão de socorro às crianças.

Esta comissão, que pretende levar à prática uma obra de Solidariedade efectiva e permanente, aos filhos dos presos da luta de classes em Portugal, apela para todo o proletariado, no sentido de que o mesmo secunde o seu trabalho a-fim-de poder prestar às pequenas vítimas da burguesia o seu carinhoso auxílio de classe, afastando-as do meio deletério em que vivem e acorrendo a este passeio, que serve a angariar as receitas necessárias para esse cometimento.

O passeio será feito a bordo das embarcações dos Catraeiros e Fragateiros, que as cedem gratuitamente para este fim, realizando-se o embarque às 7 horas da manhã, no Terreiro do Paço, e regressando às 20 horas.

No mata do pinhal, no Porto Brandão, terá lugar um picnic, seguido de provas desportivas terrestres e marítimas, especialmente dirigidas por uma comissão, bem como outras diversões que serão abrilhantadas por dois grupos musicais (de corda e instrumental) que prestarão o seu concurso a esta obra.

Os bilhetes encontram-se à venda na sede do Socorro Vermelho, rua dos Fanqueiros, 300, 2.ª, todas as noites, e durante o dia, no livreiro das Escadinhas de Santa Justa, e na administração de A Batalha, bem como em todas as células do S. V. ao preço de 5\$00, sendo gratis a passagem das crianças até 10 anos.

TIVOLI

AMOR PÁTRIO

Episódio dramático em dez partes, da Guerra da Independência da América com LIONEL BARRYMORE — Encenação de D. W. GRIFFITH

O que querem as esposas

Comédia-drama em cinco partes, com ETHEL GREY TERRY e RAMSEY WALLACE

REVISTA MUNDIAL

A' manhã—Matinée às 3 horas

TEATROS

As aventuras do «Bombom», que, segundo diz a «Epifania», na peça do Gimnásio, é o dono da «Africa e das minas de chocolate», continuam a despertar irreprimíveis gargalhadas nos frequentadores do Gimnásio. O «Bombom» é uma comédia musicada em que abundam as mais cómicas e imprevistas situações e na qual a notabilíssima artista Adelina Abranches nos faz rir, sem um momento de descanso, numa personagem a que imprime o mais brilhante relevo. Cremidia de Oliveira, a seu lado, também com o fulgor do seu talento, desempenha o seu papel com toda a desenvoltura que require e o «Tango» e «Essa mulher que fez?» o público aplaude-a com entusiasmo, forçando-a ao «bis», o que se dá também com Sales Ribeiro no número «Capricho do coração». Tomas Vieira, Sacramento, Gentil e mais artistas completam o magnifico conjunto de desempenho do «Bombom», que esta noite se repete.

Tornado dispensável o réclame para a peça do Nacional — «Se eu quizesse...», estas locais, de ora avante, serão apenas de noticiário e de registro do que se for passando, noite a noite, na Casa de Garrett.

No espectáculo de domingo, este teatro foi o único que registou uma enchente total, afixando o letreiro de esgotada a lotação; o público fez a consagração da peça e toda a plateia, de pé, ovacionou calorosamente a ilustre actriz Ilda Stichini, pelo seu glorioso trabalho, participando dos aplausos Alexandre de Azevedo e Raúl de Carvalho e ainda Albertina de Oliveira, Luis Pinto e Octávio Brandão. Ontem, o camaroteiro Gouveia Pinto não teve mãos a medir, ou fantes, a vender bilhetes. Hoje, «Se eu quizesse...» ha-de querer encher a casa outra vez.

Quando uma artista conquista o público ao primeiro «couplet» ou ao primeiro bailado, é porque possui qualidades que lhe garantem sucessos triunfais. É o que acontece com Clara Carbonell, a original bailarina que está trabalhando nas «matinées» e nas «soirées» do Foz. Esta noite despede-se naquelle popular teatro Etnia Epaña, e amanhã estreia-se Julia de Isla, completista hespanhola.

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fogoso escritor e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1\$00.

Pedidos à administração de A Batalha, A revolução Social e o Sindicalismo

Por Arkínof. Preço 1\$50.

Suplemento semanal ilustrado de «A Batalha»

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonzo, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é 1 volume com 420 páginas, 4\$500.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 1\$500.

Pedidos de coleções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha

Aos nossos correspondentes

A expansão dum jornal está sempre na razão directa da dedicação e do esforço dispendido por todos os seus servidores.

Jornal operário, por e para trabalhadores feito, A Batalha carece de muitas e grandes dedicações que de toda a parte a informem do sentir dos oprimidos, cujos protestos, queixumes e aspirações ela tem a missão de interpretar, ao mesmo tempo que os oriente na maneira de conseguirem emancipar-se.

E porque o correspondente é sempre o elo que liga ao jornal a atenção das populações distantes, pedimos aos nossos correspondentes maior assiduidade no envio de informes, no que prestarão um bom serviço à causa e evitarão que, muito a nosso pesar, os eliminemos do caderno-registo dos nossos informadores.

A todos aqueles que se nos têm oferecido para correspondentes nas localidades onde ainda os não temos, solicitamos que nos enviem urgentemente duas fotografias; uma para o cartão de identidade que lhes será distribuído, e a outra para o nosso registro.

OS QUE MORREM

FUNERAIS

OEIRAS, 30.—Com bastante acompanhamento de amigos e camaradas realizou-se o funeral de Abílio Freire, aquele desventurado rapaz que havia perecido no momento em que se voltou a canoa que ele tripulava, caso que A Batalha largamente relatou. O cadáver do desditoso rapaz foi recolhido por um gasolina que o entregou às autoridades de Porto Brandão, donde foi transportado para esta vila. O aparecimento fez terminar a ansiedade em que há 7 dias estavam todas as pessoas de família e amigos do infeliz rapaz.

CONSELHO TECNICO

DA

CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpeza, construção de fornos em todos os géneros, fogões de sal, xareiros, frentes para estabelecimentos e todas as obras em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone — 539 Trindade

Escritório:

Calçada do Combro, 38-A. 2.º

OS VEICULOS RONCEIROS TAMBEM

ATROPELAM...

Fica uma vendadeira abaixo dum bicicletista

No posto da Cruz Vermelha do Calvário recebeu curativo e foi para casa Ana Maria, de 56 anos, natural da Golegã, residente na Cruz das Oliveiras, vendadeira ambulante, que na Junqueira foi atropelada por uma bicicleta, ficando ferida nos joelhos.

E um trabalhador debaixo duma carroça

No Banco do hospital de São José foi pensado e seguiu para casa Augusto Caetano dos Santos, de 43 anos, natural de Torres Vedras, residente na Charneca de São Bartolomeu, trabalhador, que foi atropelado por uma carroça em Loures, ficando ferido na perna direita.

Serviço de livreria de A BATALHA

FOLHETOS

Eliseu Reclus — Anarquia e a igreja	1\$00
A Evolução legal e a anarquia	\$30
Gonçalves Correia — A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura	\$50
Jose Prat — A burguesia e o proletariado	\$50
A necessidade da Associação...	\$50
Content — Contra o confusãoismo, Alfredo Neves Dias — Razão (poema social)	\$30
Ernesto da Silva — Teatro livre e Arte Social	\$30
Landauer — Social Democracia	\$30
R. Mela — O principio do fim	\$30
... A maçonaria e o proletariado	\$30
J. Most — Peste religiosa	\$50
João P. do Rio	\$50
Definições sociais	\$50
Horas anárquicas (versos)	\$50
... Carnet de Pensamento	\$20
J. Bakunine — O sentido em que somos anarquistas	\$50
Chueca — Como não ser anarquista	\$50
Lazare — A Liberdade	\$50
B. Elvirant — A minha defesa	\$50
J. Kropotkine	\$50
Os bastidores da guerra	\$30
Moral anarquista	\$30
O espirito revolucionário	\$50
O estado e o seu papel histórico	\$250
J. Guedes — Lei dos Salários	\$50
Briand — A greve geral	\$50
Roland — Russia Nova	\$50
... O sindicalismo e os intelectuais	\$50
D. Carvalho — A gestão sindical no período revolucionário	\$50
A. Hamon — A crise do socialismo	\$50
J. Santos — A transformação da sociedade	\$50
Neno Vasco	\$30
Georgicas	\$30
Greve de inquilinos, teatro	\$30
... Proletariado Histórico	\$100
G. Archinof — A Revolução social e o Sindicalismo	\$50
Carlos Rates — A ditadura do proletariado	\$100
Emilio Chapellier — Porque não creio em Deus	\$100

'A Batalha' na provincia e arredores

Mina de S. Domingos

A honestidade dum novo rico

MINA DE SÃO DOMINGOS, 30.—Há dias um bando de... bem-vestidos veio a esta localidade apossar-se de tudo quanto se dizia ser propriedade do sr. José Francisco Luis «conceituado» comerciante desta praça. Historiemos um pouco até que apuremos novos pormenores: José Luis foi escriturário desta Empresa e sob protecção dum dos seus gerentes foi para Lisboa onde, graças ao seu bom comportamento, adquiriu a confiança de importantes estabelecimentos bancários. Há anos regressou aqui recebendo o título de «novo rico». José Luis iniciou importantes transacções tendo a principio vendido mais barato no seu estabelecimento. Empreendeu valiosas empresas com as quais dispendeu grosso capital que as casas bancárias de que era agente prontamente facilitavam.

Porém, José Luis tinha e tem os seus inimigos em negócios... Notou ultimamente, isto é o que superficialmente mais acertado julgamos — que o capital empregado estacionava em parte improdutivo e sabedor de que os seus credores não teriam contemplações resolveu-se «arquivar» algumas centenas de contos e e-lo que al val... sem se saber onde para...

José Luis, que moralmente tem todos os defeitos dos «novos ricos», deixou alguns trabalhadores com salários ganhos a merecer dos ricos — novos, seus credores, não lhes tendo estes pago, o que tem motivado fome e lágrimas em casas de alguns.

O que sobremaneira nos surpreende é as delongas do correspondente de O Século em se referir a um ladrão, quando aqui há tempos teve o deslumbre de pedir o rigor da autoridade para o pobre «Serpa» por este ter roubado meio quilo de rebanhos!

Mértola

Uma demente ao abandono

MERTOLA (São Bartolomeu de Via Glória), 30.—Vagueia há 2 ou 3 meses por esta freguesia uma mulher demente. Há dias um grupo de estupradores meteu-a numa canastra e veio colocá-la a pouca distância daqui, no meio de um campo. Um dia depois, umas raparigas de sentimentos mais fraternos foram buscá-la para esta aldeia, albergando-a num miserável estado de demência, a que parece terem-se juntado outros males, na cavalariça do sr. Manuel Francisco de Brito. Foi depois expulsa desta infecta cavalariça, indo recolher-se a um alpendre que nem telhado possui.

Os burgueses desta aldeia e proximidades, até Mértola que é feudo dos poderosos só se preocupam com as festas de igreja, homenagens a paus-pintados, estando agora para inaugurar um santo novo que lhes custou 1.200\$00!

Isto é prova da maneira retrógrada como vivem estes povos, e de como no nosso país se cura saber destes males.

Oeiras

Sanidade pública

OEIRAS, 30.—Encontra-se num estado deplorável e anti-higiénico o rio que atravessa esta vila.

A Câmara, pelos vistos, só serve para cobrar impostos, recusando-se pertinazmente a mandar proceder a qualquer trabalho que beneficie esta povoação.

O rio, actualmente, está servindo de vasadouro às fábricas que o circundam. De verão encontra-se fechado, mas quando há marés grandes as águas do mar fazem com as do rio que por estarem podres exaltem um cheiro pestilencial. Acresce ainda a circunstância do coletor ainda despejar para o rio.

Se algum vereador residisse próximo talvez já as fábricas não despejassem para o rio e o coletor fletaria arranjar, resalvando-se assim a saúde pública.

Um recital de música no Conservatório

No Salão do Conservatório Nacional de Música, realizou-se hoje um recital de canto, promovido pelo apreciado tenor Borges da Cruz, e no qual tomam parte o ilustre bariton Antonio Caldeira, que parte no dia 2 para Africa, a distinta soprano-lirico D. Marina Pita Simões e os aplaudidos amadores, Martinho Guerreiro Severo (baixo-cantante) e António Magalhães (bariton).

O programa, magnifico, é variado e atraente.

Desastre no trabalho

Por conveniência urgente de serviço foram nomeados pelo período de três anos, juizes presidente do Tribunal de Desastres no trabalho, os srs. dr. António da Cruz e Silva, da Covilhã; Luis Sousa Fafesa, de Faro; Antero Portugal da Silva, de Leiria; José Maria Dantas de Sousa, Barracho Júnior, de Santarém; António da Silva Teixeira, de Tomar; Carlos Alberto Zuzarte Rolo, de Portalegre; João Marques Ferreira da Costa, de Viseu; Eugénio Machado Cadilhão, de Aveiro.

História

A BATALHA

Urge que o operariado se prepare para defender-se da especulação comercial.



FERROVIÁRIOS DO ESTADO

A União Ferroviária entregou ao governo uma significativa representação exprimindo a sua discordância com a pretendida alienação ou arrendamento dos Caminhos de Ferro do Estado

(Conclusão do número anterior)

E hoje, mais a dedicação e do sacrifício do pessoal ferroviário que nós orgulhosamente representamos, o déficit desapareceu e um saldo positivo marca uma nova era na administração deste notável departamento do Estado, a pesar dos importantes melhoramentos realizados à custa das receitas ferroviárias. Só para o Minho e Douro foram compradas mais de 200.000 travessas, reparou-se todo o material que esteve imobilizado durante a guerra e ainda o que ficara danificado por motivo da greve, trabalho este realizado exclusivamente nas suas oficinas e pelo seu pessoal respectivo que nesta obra dispendeu o esforço que nem a C. P. — a modelar — conseguiu realizar.

No Sul e Sueste fizeram-se igualmente reparações importantíssimas que constituem um justificado motivo de orgulho para o pessoal desta linha.

Acrescente-se a tudo isto a quantidade enorme de pessoas que viajam nos comboios de graça ou com uma enorme percentagem de desconto, e ver-se-á a quanto atinge, de facto, o saldo positivo com que os Caminhos de Ferro contribuem para o Tesouro Público.

Já avaliaram v. ex.ª quanto custam aos Caminhos de Ferro as viagens dos oficiais do exército e da marinha com 75 % de abatimento? E as dos funcionários dos ministérios das Finanças, do Comércio, da Justiça, da Agricultura, das Colónias e da Indústria, com 50 % de abatimento?

Como compensar depois os oficiais e funcionários a quem se retraiam essa regalia? E se v. ex.ª estão dispostos a sacrificar essas classes quando arrendarem — se arrendarem — os Caminhos de Ferro a particulares, porque não fazem desde já contribuindo assim para o próximo ano económico o saldo se multiplicar?

Ex.ª — Temos vivido os últimos anos, sacrificados mas resignados. Os nossos ordenados são irrisórios. Qualquer empresa particular retribuiria melhor o nosso esforço do que o faz o Estado. Mas somos portugueses e ardentemente desejamos o bem-estar da nossa terra. Por isso nos sacrificamos. Conhecedores da crise que atravessava a Administração dos Caminhos de Ferro do Estado não tivemos dúvida em aditar as nossas reclamações de aumento de salário até que a crise estivesse resolvida.

Prescindimos do aumento do salário e não repetimos o aumento de trabalho que nos foi exigido. Sacrificamo-nos e esperamos. Mas o nosso sacrifício foi dado à colectividade. A empresa e a interesses particulares, a voracidade dos homens dos grandes negócios, não sacrificamos, nem sacrificaremos coisa alguma.

Por isso viemos até junto de v. ex.ª trazer a nossa respeitosa representação. Se os serviços ferroviários estão aperfeiçoados e normalizados, se as suas contas acusam o saldo positivo a favor do Estado tudo isso é produto do nosso esforço e do nosso sacrifício.

O último ponto nós desejamos tocar. Portugueses que somos, amamos muito a nossa Pátria que desejamos ver bem defendida contra as cobaias dos estrangeiros. Muitos de nós bateram-se na Flandres e em África, em defesa da Pátria.

E é como portugueses que ousamos perguntar: o arrendamento dos Caminhos de Ferro do Estado a empresas particulares não constituirá um perigo para a nacionalidade?

Nós conhecemos suficientemente o que se passa nos países estrangeiros para supormos que nesses países o problema ferroviário anda intimamente ligado ao problema da Defesa Nacional.

Sabem v. ex.ª, tão bem como nós, que todos os Estados Europeus exploram direc-

tamente os serviços dos Caminhos de Ferro. Todos, como excepção da Inglaterra e Alemanha.

Porque sucederá assim?

Dar-se-á o caso que em todos esses países o *microbio socializador* tenha penetrado nas altas esferas governativas?

Mussolini, Primo de Rivera, fortes estímulos de soluções conservadoras terão algum contacto com os discípulos de Karl Marx?

Ou será que nesses países, se entenderá que os Caminhos de Ferro além de constituírem um instrumento decisivo e de progresso, são também o elemento essencial para a Defesa da Nação?

Acaso a França suportaria o déficit colossal das suas linhas férreas — déficit que atinge 700 milhões de francos! — Se as não considerasse como um factor essencial à vida do país? A Espanha tradicionalmente conservadora iria sacrificar os seus recursos financeiros mantendo com déficit os seus serviços ferroviários só para contentar Pablo Iglesias e outros caudilhos do socialismo? A Inglaterra sim. Está cercada e defendida pelo mar. Na hora em que resolver tomar conta da Administração dos seus Caminhos de Ferro fá-lo há mais por motivos de ordem económica do que por necessidade de defesa interna. Mas a Alemanha só depois de terminada a guerra, depois de vencida e arruinada, *à bout de resources*, arrendou os seus Caminhos de Ferro a uma empresa particular para garantir o empréstimo que lhe fez a América do Norte. Mas a Alemanha vencida na guerra e a caminho de triunfar na paz, já pensa seriamente no resgate dos seus Caminhos de Ferro. Precisa deles como instrumento de transformação económica e como elemento de Defesa Nacional. Porque não havemos nós de pensar também da mesma forma? Acaso as nossas fronteiras estão suficientemente defendidas contra qualquer ataque de nação estrangeira? A nossa linha do Minho e Douro em posse de qualquer empresa particular não dará ao estrangeiro o segredo de toda a nossa defesa interna?

Como defendermo-nos eficazmente de uma súbita invasão se os Caminhos de Ferro estiverem em mãos de particulares e possivelmente em mãos de estrangeiros? Já ouvimos dizer, mas não acreditamos que seja esse o pensamento de v. ex.ª, que a nossa fronteira está tão desguarnecida e tão desprovida de meios de defesa que não vale a pena sustentar os Caminhos de Ferro em sacrifício da Ideia de Defesa Nacional. Este triste argumento que nós com amargura e espanto já ouvimos, levar-nos-ia a perguntar: mas então se não temos possibilidade de defesa, se não vale sacrificar dinheiro a essa ideia, para que nos serviria o exército que tanto dinheiro custa à nação?

Ah! não! O argumento é infeliz. Infeliz e mentiroso. Nós temos elementos mais que suficientes para nos defendermos de qualquer agressão e à Defesa Nacional temos de sacrificar homens e dinheiro. Os Caminhos de Ferro do Estado são um elemento essencial para a Defesa Nacional. Arrendá-los às empresas particulares — quem sabe o que está por detrás dessas empresas? — é quase um crime, que v. ex.ª não consentirão que se pratique. Di-lo a nossa consciência de portugueses com a certeza e a confiança que nós dão os caracteres dos homens que se encontram no governo. — A Direcção da União Ferroviária.

N. da R. — Esta representação que publicamos, por acharmos útil dar-lhe publicidade, contém algumas afirmações que, por estar fora das nossas doutrinas, não as podemos sancionar. De resto, o leitor que habitualmente segue a orientação que imprimimos à *Batalha*, anti-patriótica internacionalista, facilmente notou, decerto, onde a aludida representação colide com os nossos princípios.

Ah! não! O argumento é infeliz. Infeliz e mentiroso. Nós temos elementos mais que suficientes para nos defendermos de qualquer agressão e à Defesa Nacional temos de sacrificar homens e dinheiro. Os Caminhos de Ferro do Estado são um elemento essencial para a Defesa Nacional. Arrendá-los às empresas particulares — quem sabe o que está por detrás dessas empresas? — é quase um crime, que v. ex.ª não consentirão que se pratique. Di-lo a nossa consciência de portugueses com a certeza e a confiança que nós dão os caracteres dos homens que se encontram no governo. — A Direcção da União Ferroviária.

N. da R. — Esta representação que publicamos, por acharmos útil dar-lhe publicidade, contém algumas afirmações que, por estar fora das nossas doutrinas, não as podemos sancionar. De resto, o leitor que habitualmente segue a orientação que imprimimos à *Batalha*, anti-patriótica internacionalista, facilmente notou, decerto, onde a aludida representação colide com os nossos princípios.

Ah! não! O argumento é infeliz. Infeliz e mentiroso. Nós temos elementos mais que suficientes para nos defendermos de qualquer agressão e à Defesa Nacional temos de sacrificar homens e dinheiro. Os Caminhos de Ferro do Estado são um elemento essencial para a Defesa Nacional. Arrendá-los às empresas particulares — quem sabe o que está por detrás dessas empresas? — é quase um crime, que v. ex.ª não consentirão que se pratique. Di-lo a nossa consciência de portugueses com a certeza e a confiança que nós dão os caracteres dos homens que se encontram no governo. — A Direcção da União Ferroviária.

N. da R. — Esta representação que publicamos, por acharmos útil dar-lhe publicidade, contém algumas afirmações que, por estar fora das nossas doutrinas, não as podemos sancionar. De resto, o leitor que habitualmente segue a orientação que imprimimos à *Batalha*, anti-patriótica internacionalista, facilmente notou, decerto, onde a aludida representação colide com os nossos princípios.

Ah! não! O argumento é infeliz. Infeliz e mentiroso. Nós temos elementos mais que suficientes para nos defendermos de qualquer agressão e à Defesa Nacional temos de sacrificar homens e dinheiro. Os Caminhos de Ferro do Estado são um elemento essencial para a Defesa Nacional. Arrendá-los às empresas particulares — quem sabe o que está por detrás dessas empresas? — é quase um crime, que v. ex.ª não consentirão que se pratique. Di-lo a nossa consciência de portugueses com a certeza e a confiança que nós dão os caracteres dos homens que se encontram no governo. — A Direcção da União Ferroviária.

N. da R. — Esta representação que publicamos, por acharmos útil dar-lhe publicidade, contém algumas afirmações que, por estar fora das nossas doutrinas, não as podemos sancionar. De resto, o leitor que habitualmente segue a orientação que imprimimos à *Batalha*, anti-patriótica internacionalista, facilmente notou, decerto, onde a aludida representação colide com os nossos princípios.

Ah! não! O argumento é infeliz. Infeliz e mentiroso. Nós temos elementos mais que suficientes para nos defendermos de qualquer agressão e à Defesa Nacional temos de sacrificar homens e dinheiro. Os Caminhos de Ferro do Estado são um elemento essencial para a Defesa Nacional. Arrendá-los às empresas particulares — quem sabe o que está por detrás dessas empresas? — é quase um crime, que v. ex.ª não consentirão que se pratique. Di-lo a nossa consciência de portugueses com a certeza e a confiança que nós dão os caracteres dos homens que se encontram no governo. — A Direcção da União Ferroviária.

N. da R. — Esta representação que publicamos, por acharmos útil dar-lhe publicidade, contém algumas afirmações que, por estar fora das nossas doutrinas, não as podemos sancionar. De resto, o leitor que habitualmente segue a orientação que imprimimos à *Batalha*, anti-patriótica internacionalista, facilmente notou, decerto, onde a aludida representação colide com os nossos princípios.

Ah! não! O argumento é infeliz. Infeliz e mentiroso. Nós temos elementos mais que suficientes para nos defendermos de qualquer agressão e à Defesa Nacional temos de sacrificar homens e dinheiro. Os Caminhos de Ferro do Estado são um elemento essencial para a Defesa Nacional. Arrendá-los às empresas particulares — quem sabe o que está por detrás dessas empresas? — é quase um crime, que v. ex.ª não consentirão que se pratique. Di-lo a nossa consciência de portugueses com a certeza e a confiança que nós dão os caracteres dos homens que se encontram no governo. — A Direcção da União Ferroviária.

N. da R. — Esta representação que publicamos, por acharmos útil dar-lhe publicidade, contém algumas afirmações que, por estar fora das nossas doutrinas, não as podemos sancionar. De resto, o leitor que habitualmente segue a orientação que imprimimos à *Batalha*, anti-patriótica internacionalista, facilmente notou, decerto, onde a aludida representação colide com os nossos princípios.

Ah! não! O argumento é infeliz. Infeliz e mentiroso. Nós temos elementos mais que suficientes para nos defendermos de qualquer agressão e à Defesa Nacional temos de sacrificar homens e dinheiro. Os Caminhos de Ferro do Estado são um elemento essencial para a Defesa Nacional. Arrendá-los às empresas particulares — quem sabe o que está por detrás dessas empresas? — é quase um crime, que v. ex.ª não consentirão que se pratique. Di-lo a nossa consciência de portugueses com a certeza e a confiança que nós dão os caracteres dos homens que se encontram no governo. — A Direcção da União Ferroviária.

N. da R. — Esta representação que publicamos, por acharmos útil dar-lhe publicidade, contém algumas afirmações que, por estar fora das nossas doutrinas, não as podemos sancionar. De resto, o leitor que habitualmente segue a orientação que imprimimos à *Batalha*, anti-patriótica internacionalista, facilmente notou, decerto, onde a aludida representação colide com os nossos princípios.

Ah! não! O argumento é infeliz. Infeliz e mentiroso. Nós temos elementos mais que suficientes para nos defendermos de qualquer agressão e à Defesa Nacional temos de sacrificar homens e dinheiro. Os Caminhos de Ferro do Estado são um elemento essencial para a Defesa Nacional. Arrendá-los às empresas particulares — quem sabe o que está por detrás dessas empresas? — é quase um crime, que v. ex.ª não consentirão que se pratique. Di-lo a nossa consciência de portugueses com a certeza e a confiança que nós dão os caracteres dos homens que se encontram no governo. — A Direcção da União Ferroviária.

N. da R. — Esta representação que publicamos, por acharmos útil dar-lhe publicidade, contém algumas afirmações que, por estar fora das nossas doutrinas, não as podemos sancionar. De resto, o leitor que habitualmente segue a orientação que imprimimos à *Batalha*, anti-patriótica internacionalista, facilmente notou, decerto, onde a aludida representação colide com os nossos princípios.

Ah! não! O argumento é infeliz. Infeliz e mentiroso. Nós temos elementos mais que suficientes para nos defendermos de qualquer agressão e à Defesa Nacional temos de sacrificar homens e dinheiro. Os Caminhos de Ferro do Estado são um elemento essencial para a Defesa Nacional. Arrendá-los às empresas particulares — quem sabe o que está por detrás dessas empresas? — é quase um crime, que v. ex.ª não consentirão que se pratique. Di-lo a nossa consciência de portugueses com a certeza e a confiança que nós dão os caracteres dos homens que se encontram no governo. — A Direcção da União Ferroviária.

HORARIO DE TRABALHO

Empregados no Comércio

Porto. — Os empregados no Comércio desta cidade por intermédio da Federação Portuguesa dos Empregados no Comércio, zona norte, telegrafaram ao ministro do Interior, protestando contra a pretensão do patronato em querer revogar o horário das 8 horas.

Alcacer do Sal. — O administrador do concelho desta localidade, reuniu em conjunto com o patronato e os empregados no comércio a fim de se dar cumprimento ao horário de trabalho. Da conferência saiu a obrigação de todos os presentes assinarem as bases do acordo a que se tinham comprometido. Como porém, no dia seguinte, ao serem colhidas as assinaturas do patronato, muitos se recusaram a fazer aquilo que tinha combinado, o administrador do concelho mandou afixar editais prevenindo o comércio de que ia ser rigorosamente aplicado o horário de trabalho, obrigando os estabelecimentos a abrir as suas portas às 9 horas e a encerrá-las às 19. Três ou quatro comerciantes, retroçados que não quiseram cumprir com as obrigações estipuladas no edital, foram imediatamente multados.

"Educação Social"

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redacção e administração — Empresa Literária Fluminense, Limit. — R. dos Retiroiros, 125 — LISBOA.

A venda na administração de "A Batalha".

Secção Telegráfica

Federações

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo do Barreiro. — Mandem delegados à reunião do conselho que se realiza hoje.

METALURGICA

Sindicato Metalúrgico do Porto. — Recebemos vosso ofício. Vamos enviar recibo.

Marinha Grande. — Acusem recepção do expediente por nós enviado.

SOLIDARIEDADE

Em favor dos presos sociais

E' no próximo domingo, pelas 21 horas, que se realiza uma grandiosa festa em benefício dos presos sociais.

Para que a mesma corresponda aos fins para que se realiza, deverão todos os trabalhadores adquirirem os respectivos bilhetes ao preço de \$50, na sede do Comité, Federação Ferroviária, e nos respectivos sindicatos.

O programa é o seguinte:

Conferência pelo camarada José Carlos de Sousa, com o tema "A lei da vida".

1.ª Parte. — Subirá à cena o emocionante drama em 3 actos "Os Filhos da Cana-lha".

2.ª Parte. — "O Pecado da Simonia" desempenhado pelo conceituado Grupo Dramático Solidariedade Operária.

A parte musical será executada por um distinto grupo, que por especial deferência accedeu ao convite que lhe foi feito neste sentido.

Pró Caixa de Solidariedade da F. J. S.

Realiza-se, no dia 25 do corrente, uma festa de solidariedade Pró Caixa de Solidariedade da F. J. S. com o seguinte programa:

O Delegado da 3.ª Secção, drama em 3 actos e a deliciosa comédia "A Teima" e um acto de variedades, estando o seu desempenho a cargo do Grupo Dramático Solidariedade Operária.

Os bilhetes encontram-se na sede do Núcleo da Juventude Sindicalista de Lisboa onde podem ser procurados, todos os dias, das 21 às 23 horas.

Pró Companhia de Joaquim Alves

No próximo sábado, pelas 21 horas, terá lugar, como temos noticiado, no Salão de Festas da Construção Civil a festa em auxílio da companhia de Joaquim Alves que uma grave doença retém no leito.

A Comissão promotora deseja que todos quantos se incumbiram de passar bilhetes para este benefício, venham até sexta-feira à noite liquidar contas, sendo considerados responsáveis pela sua liquidação todos os que até à data indicada não venham librar a sua responsabilidade.

Comunica-nos o camarada Mário Graça que recebeu \$5000 de uma quete tirada nas obras do Novo Manicócio Miguel Bombarda.

LITERATURA REVOLUCIONARIA EM CASTELHANO

Maximo Gorki

Como se forja um Mundo Nuevo. 6\$00

Cuentos de Itália. 6\$00

La vida de um Homem innecesário. 6\$00

Wladimiro Korolenko

El Imperio de La Muerte. 6\$00

Dr. G. Feydoux

La vida tragica de los Trabajadores. 10\$00

Jean Masestan

La Educación Sexual. 10\$00

El matrimonio, el amor libre y la libre maternidade. 9\$00

E. Reclus

La Montaña. 6\$00

El Arroyo. 6\$00

Octavio Mirbeau

El Calvario. 6\$00

P. Krapotkine

La ética, la revolucion y el Estado. 6\$00

Luis Fabbri

Crítica revolucionaria. 6\$00

H. Malatesta

Ideário. 6\$00

F. Dostoyevsky

Los Hermanos Karamazov. 9\$00

LA NOVELA SOCIAL

Interessante colección de 10 novelas colaboradas por un bom número de escritores revolucionarios — Preço 10\$00

Pedidos à administração de A BATALHA

O teatro

Por EDUARDO THIERRY

Sobe o pano: a pintura sucede à música; e, por um efeito de magia, desenrolam-se diante dos olhos os vastos horizontes da paisagem ou as sábias perspectivas da arquitectura.

E' a arte do maquinista que dá movimento a esse mundo artificial, encapela e abaixa a vaga marítima, faz mover o navio com ondas que espumam em torno, e subir no horizonte a lua brilhante.

E' o desenhador, é a arte indumentária, que resuscita uma época, improvisam uma corte, um povo, um exército.

E' a arte da dança e do canto, que mesmo fora das cenas líricas também encontram o seu lugar ao lado de tantos diversos ornamentos.

E' a arte do comediante, é a sua pessoa, é o homem, emfim, que aparece no meio destes prestigios, completando-os, tanto pela realidade como pela ilusão, e dos caracteres, como das diversas profissões e paixões, levada até à última verosimilhança.

E, por mais que se faça, quando este conjunto se encontra harmoniosamente realizado, é difícil resistir a tantas impressões retidas.

O efeito seria já muito forte, se ele se exercesse sobre cada espectador em particular, mas exerce-se sobre dois mil espectadores ao mesmo tempo, sobre uma assembleia simpática, atenta, animada pelo mesmo impulso, onde comoção alguma se compartilha sem que ela se multiplique.

Assim excitados, uns pelos outros, os espíritos abandonam-se ao encanto comum que os seduz. Se as imaginações menos fáceis de se admirarem sofrem a ilusão, que há-de suceder, quando se trata de que não se defendem, dessas imaginações vivas e prontas, generosas, ávidas de ver, de ficarem admiradas, persuadidas — necessário dizer: as imaginações da classe operária?

E' para elas que o encanto do teatro é completo, que o drama vive e palpita, que a acção é uma acção real, instantânea, no meio da qual um incidente novo pode produzir-se, ainda, e que o próprio espectador pode intervir, deter com um grito a mão do assassino erguida contra a sua vítima e desconcertar, patenteando a vitória duma odiosa intriga.

Público admirável — pergunta a todos os autores — que não se julga no dever de criticar por si próprio, ou de desdenhar, que se associa às paixões do drama, as partilha sem reserva e participa pessoalmente da sua representação!

E o que há de mais extraordinário é que, no momento em que mais crê na realidade do que se representa diante dele, no momento em que mais perdeu o sentimento do artifício que o ilude, tanto mais redobra a sua admiração por esse artifício. Semelhante ao devaneador que sonha e que se sente sonhar, ele esquece o teatro, experimentando todas as comições de que vê a imagem; lembra-se delas — se isto se chama lembrança — admirando o comediante que lhe comunica e que só lhes comunica fazendo-se ele próprio esquecer.

Pregão de revolta

Carta-protesto, em verso, dirigida ao presidente do ministério contra as deportações.

Preço 1\$00; pelo correio, 1\$20; registado, 1\$50. Pedidos à administração de A Batalha.

Câmara Municipal de Lisboa

Uma reclamação dos comerciantes da rua dos Douradores

Da comissão administrativa da Câmara Municipal de Lisboa recebemos o seguinte comunicado:

Os comerciantes da rua dos Douradores reclamaram para a Comissão Administrativa do Município de Lisboa contra o estacionamento naquela via pública dos veículos de carga que se destinam, com produtos hortícolas, para o Mercado da Praça da Figueira, alegando que tal estacionamento prejudica o seu comércio, dificultando o movimento de mercadorias que se destinam aos seus armazéns.

Segundo nos consta vai ser elaborada uma postura atinente à obra ou ao inconveniente apontado, só se permitindo a entrada na rua dos Douradores dos veículos com produtos para o mercado, 15 minutos antes da abertura deste.

Venda de uma bomba de incêndios

A Comissão Administrativa resolveu vender à Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses da Beira Alta, uma bomba de incêndios do sistema "Flaud" pelo preço de 2.000\$00.

O católico Judas ainda não cedeu

e os seus inquilinos devem manter resistência enérgica contra a exploração

O movimento dos inquilinos do pátio do Israel não esmorece, apesar da teimosia do Judas, boa alma que sabe agredir à igreja e à sinagoga. Os grevistas-inquilinos não abdicam da sua justíssima pretensão de verem reduzidas as rendas exageradas que o Israel lhes tem extorquido aduncamente.

Hoje é o primeiro dia do mês de Setembro, o católico Israel deve fazer nova tentativa de extorquir as enormes quantias que considera as suas rendas. Os explorados, porém, não devem quebrar a sua resistência, mantendo a mesma atitude, porque só uma recusa obstinada, enérgica e solidária poderá garantir a decisiva vitória duma causa justíssima e humana.

Feira de beneficência

No programa das lindas festas que se estão promovendo em favor da Cantina Escolar e Lactário de São José, no jardim da sua sede, da Avenida da Liberdade, junto ao Tirol, figura hoje, como numero sensacional, a estreia dos queridos artistas portugueses "Os Serranos", distinto grupo de que fazem parte os actores José Nunes e Venancio de Oliveira e a distinta amadora Elvira Costa. Far-se-á ouvir, pela 2.ª vez a insinuante acrinha Irene Martins que, no domingo, tã aplaudida foi.

Amanhã, quinta-feira, estreia-se os populares artistas "Os Peixinhos".

VIDA SINDICAL

C. G. T.

A Comissão Administrativa, na sua reunião de ontem, deu despacho a vários expedientes e tomou na devida consideração os ofícios dos Rurais da Graça do Divor, Corticeiros de Silves e Empregados no Comércio do Porto. Ficou assente oficiar aos dois primeiros organismos elucidando-os sobre o resolvido.

Sobre a parte respeitante ao Conselho Jurídico resolveu tratar do assunto em definitivo na próxima sexta-feira, atendendo às dificuldades que é necessário transpor.

Câmara Sindical do Trabalho

DE LISBOA

Como ficou determinado reúne hoje, pelas 21 e 30 horas, a Comissão Instaladora, para continuação dos trabalhos pendentes da última reunião.

COMUNICAÇÕES

Sindicato U. da Construção Civil.

Secção Profissional dos Pedreiros. — Na assembleia desta secção realizada em 27 de Agosto, tratou-se, entre outros assuntos, do horário de trabalho e defesa profissional. Foram eleitos para agregados à comissão administrativa: João Caldeira, José Martinho, Silva Sacavém, Guilherme Artibeiro e João Jorge e para a comissão escolar António Bastos e José Lourenço em substituição de Artur Silva Carvalhais e Tibério Caldeira. Foi aprovado por unanimidade o seguinte protesto:

"A secção profissional dos pedreiros, reunida em assembleia geral, em 27 do corrente, protesta energicamente contra a atitude de alguns indivíduos que, dizendo-se apóstolos do ideal anarquista, andam pela provincia fazendo propaganda defecista. Que esses mesmos indivíduos, servindo-se da boa fé dos camaradas que estão à frente do semanário "Tempos Nuevos", de Paris, se preparem para atacar inflamemente a organização operária portuguesa, por a mesma não dar guarida aos seus malevolos intuitos."

Secção profissional dos serventes. — A comissão administrativa deste organismo pede a competência do tesoureiro hoje, às 20,30 horas.

S. U. Metalúrgico. — A fim de repor as coisas no seu lugar a comissão administrativa declara que no extracto da assembleia geral publicado no dia 28 do passado mês erradamente saiu que os camaradas Quirino Moreira e António Graça eram delegados à C. G. T. quando deveria ser a Câmara Sindical do Trabalho.

Secção profissional dos serventes. — A comissão administrativa deste organismo pede a competência do tesoureiro hoje, às 20,30 horas.

S. U. Metalúrgico. — A fim de repor as coisas no seu lugar a comissão administrativa declara que no extracto da assembleia geral publicado no dia 28 do passado mês erradamente saiu que os camaradas Quirino Moreira e António Graça eram delegados à C. G. T. quando deveria ser a Câmara Sindical do Trabalho.

Secção profissional dos serventes. — A comissão administrativa deste organismo pede a competência do tesoureiro hoje, às 20,30 horas.

S. U. Metalúrgico. — A fim de repor as coisas no seu lugar a comissão administrativa declara que no extracto da assembleia geral publicado no dia 28 do passado mês erradamente saiu que os camaradas Quirino Moreira e António Graça eram delegados à C. G. T. quando deveria ser a Câmara Sindical do Trabalho.

Secção profissional dos serventes. — A comissão administrativa deste organismo pede a competência do tesoureiro hoje, às 20,30 horas.

S. U. Metalúrgico. — A fim de repor as coisas no seu lugar a comissão administrativa declara que no extracto da assembleia geral publicado no dia 28 do passado mês erradamente saiu que os camaradas Quirino Moreira e António Graça eram delegados à C. G. T. quando deveria ser a Câmara Sindical do Trabalho.

Secção profissional dos serventes. — A comissão administrativa deste organismo pede a competência do tesoureiro hoje, às 20,30 horas.

S. U. Metalúrgico. — A fim de repor as coisas no seu lugar a comissão administrativa declara que no extracto da assembleia geral publicado no dia 28 do passado mês erradamente saiu que os camaradas Quirino Moreira e António Graça eram delegados à C. G. T. quando deveria ser a Câmara Sindical do Trabalho.

Secção profissional dos serventes. — A comissão administrativa deste organismo pede a competência do tesoureiro hoje, às 20,30 horas.

S. U. Metalúrgico. — A fim de repor as coisas no seu lugar a comissão administrativa declara que no extracto da assembleia geral publicado no dia 28 do passado mês erradamente saiu que os camaradas Quirino Moreira e António Graça eram delegados à C. G. T. quando deveria ser a Câmara Sindical do Trabalho.

Secção profissional dos serventes. — A comissão administrativa deste organismo pede a competência do tesoureiro hoje, às 20,30 horas.

S. U. Metalúrgico. — A fim de repor as coisas no seu lugar a comissão administrativa declara que no extracto da assembleia geral publicado no dia 28 do passado mês erradamente saiu que os camaradas Quirino Moreira e António Graça eram delegados à C. G. T. quando deveria ser a Câmara Sindical do Trabalho.

Secção profissional dos serventes. — A comissão administrativa deste organismo pede a competência do tesoureiro hoje, às 20,30 horas.

S. U. Metalúrgico. — A fim de repor as coisas no seu lugar a comissão administrativa declara que no extracto da assembleia geral publicado no dia 28 do passado mês erradamente saiu que os camaradas Quirino Moreira e António Graça eram delegados à C. G. T. quando deveria ser a Câmara Sindical do Trabalho.

Secção profissional dos serventes. — A comissão administrativa deste organismo pede a competência do tesoureiro hoje, às 20,30 horas.

S. U. Metalúrgico. — A fim de repor as coisas no seu lugar a comissão administrativa declara que no extracto da assembleia geral publicado no dia 28 do passado mês erradamente saiu que os camar